

O PACAJÁ

JORNAL, Literário, Moral, e Político, Casca

REDACTOR — JUVITA DUARTE SILVA.

ANNO I.

DOMINGO 29 DE JUNHO DE 1862.

N. 8.

A ANDORINHA PERDIDA.

(Conclusão)

A andorinha é o passaro de arribação mais embleático naquellas paragens. As tendas dos todos das pajotas das aldeas as esperam com seus olhos no fim da primavera.

São as mensageiras das flores e dos prazeres, e com tudo seu vôo é tão sereno, e sua voz tão mada, sua hospedagem tão tranquilla!

No verão, no azulado do firmamento; acima do campo de trigo, ou prado, ella oscilla de um lado a outro; pousa-se em um ramo de cereja, salta entre agrãos, ergue-se de novo e estende as azas finas e nervosas ao ar, e desaparece por entre os salgueiros e faias.

Ao depois pousa-se sobre o ninho, arranja com o biquinho as palhas escolhidas, salta e volta trazendo sempre nova provisão para esse herdeiro de seus filhos.

Quantas vezes, a janella da humilde casobre, cercada de lianas, jasmins e roseiras, se apresenta de manhã, uma cabeça lorna, pensativa, contemplando a andorinha no trabalho de sua existencia; invejando-lhe a sorte, livra no ar e na terra, livre toda na passagem para climas mais suaves; ali talvez onde um coração amigo ausente suspira como ella — ou talvez ingenuo e insensivel — se esquece!

Outras vezes, á tarde, quando o sol vai-se inclinando no horizonte da campunha, sentado no banco de pedra, á porta da casa campestre, o poeta doente, estrangeiro, scisma nos seus e na patria do sul, e considera no viver da andorinha que volteja por cima de sua cabeça e parece querer reanimar-o!

Com ella, o seu liso ausente quizera ver chegar o fim do outono, e emigrar para novos climas conhecidos.

Sobre suas azas pretas elle mandará seus suspiros; com ella vijará o seu coração; elle lhe supplica que esse passaro viajero vá pousar-se no janella da casa paterna, e dê d'elle saudades sem fim.

Poesia que medita e suspira, que se nutre de amor incessante, procura por toda a parte uma irmã que a comprehenda, que com ella converse e lhe dê alimento de inspirações.

Poesia de um doente nostalgico, longe do meio dia tropical, ausente da mais cara pátria de sua alma, estrangeiro em terra em que se desconhece a sua lingua materna, é como esse passaro de arribação.

Vive no estioalheiro, scisma em seu ninho passageiro, e ao depois, quando o outono faz cair as folhas das arvores, e que os jardins não tem

mais flores e o prado se torna secco e pardo-cento, e ella não emigra para seus lares, se não logo do inverno, e como prosopopeia semi-morta, abandonada, e sem ser comprehendida, fica triste e mada, mirra-se nella a vida, seu vôo é monotonico, e em dia de muita saudade e desanimo, busca no solo hvbernoso o seu túmulo — seu derradeiro ninho.

E como a andorinha peraluta a quem as cum-palhas deixaram só, e o inverno a surpreheudo:

Lembro-me de haver visto um dia, em tempo de inverno, uma d'essa andorinhas perdidas.

Sabia do seu ninho, sobias ultimas palhas de um choço miseravel. Seu vôo era passageiro, incerto, cuncto. Tinha medo de osar affrontar a estação fria; sua debil natureza de mes mais temperadas, ia perecer na rubiza dasportas gelos.

A neve cubria o solo e os galhos nús das arvores, tudo era branco, nenhum contraste ali era produzido senão pela andorinha, cuja cor preta e corpo d'acanto se destacava no ar, cujo fundo era alvo.

Pobre solitario, exilado longe da familia dos seus maici de seu rago, que ainda habitava o luzo dos cysnes, tremula e incerta, soltava de vez em quando um pio triste, repassado da mais amarga dor.

Seus dias eram longos, sua vida penosa, e por tanto que se approximasse da habitação achava sempre frio.

Eu lamentava aquella triste sorte, a minha póde ser tambem.

Como elle estrangeiro, longe da minha terra e dos meus comparses a minha com a sua existencia.

Como ella, eu não achava o meu clima, nem a linguaem dos meus, nem os meus costumes, nem o meu ninho. O inverno era triste o monotonico; as folhas verdes semelhantes ás do arvoredo de minha terra, haviam desaparecido com a neve; e as faias estavam madas, mircadas, seccas, como mortas, implantadas n'um sodario branco.

Oh! e essa extensão da mesma brancura, essa tristiza eterna, fazia-me tremer; mergulhava-me n'um pensamento dominante, e as minhas lagrimas corriam.

Pobre andorinha peraluta!

Triste estrangeiro tão longe dos seus!

É o symbolo palpante da predestinação do poeta. Quando chega o tempo em que cabe a derradeira illusão, em que a ultima rosa do caminho murcha e tudo se cobre de um sudario de impossibilidade, adspira a alma para a dor.

A frieza dos homens faz da vida um rude inverno; horripilla-se de frio no contacto d'esses cadaveres ambulantes carecidos e gastos pela sensualidade. Ehas não tem mais voz, são roucos e monotonos.

A calumnia preaculhada e mordente é...

facção, mata de fria indiferença.

A vaidade e a prostituição são como as troncos despidos de folhas, e cujas extremidades estão geladas.

Nesses corações entrelaçados e mortos não pelo mais obstar-se a alma sensível, e aquerida com o sopro divino do genio.

Os vultos que se agitam na sociedade são como as montanhas de gelo, — indecifráveis.

Só vereis no meio d'elles os fillos do sentimento implantado n'essa neve da vida, como cruzeiros santificados de um vasto cemeterio, e aos quaes ainda pendem corôas de flores secas e filhas tovas. São inscripções d'aquillo que não deve viver na terra, — são cruzes que indicam martyrio e morte.

Como a andorinha perdida o poeta longe de tudo que lhe é caro, incomprehendido, errando, marcha incerto, ao acaso, enchendo o seu livro de lagrimas, procurando sem nunca achar, suspirando sem que a irmã de sua alma lhe responda.

Na emigração que o sentimento fez em eras machristãs para a eoa, aquelle que ainda viver no sentimento e nas inspirações, é como a — andorinha perdida — sob um céu de inverno quando ao acaso.

ANNO LXXI.

A ESPIA
ou
O SEGREDO DOS CARBONARIOS.
POR
FREDERIC SOULLIÉ
(Continuação)

— Com tudo, marquez na época de teu casamento partiste para visitar a Europa e o mundo, antes que podessemos dizer-te nada do que em segredo preparavamos. Devias voltar cedo; mas antes de tua volta a Hespanha nos deu o signal, e nós lhe respondemos: A esta noticia correste do fundo da India; mas, a tua chegada o volcão estava soffocado; e achaste o mesmo povo escravo, que tinhas deixado; e a não ser o esqueleto de Pellico balauçando pendurado as argolas de uma forca, herditarias que nada se havia passado na patria do Vesúvio, como depois de huma erupção da montanha não se poderia dizer que torrentes de fogo devorarão suas fraldas, quando os campones teu novamente levantado suas cabanas, e lavrado a lava. Outra advegtenciante esperava; apenas chegado, foste mettido em huma prisão, não pelo que tinhas feito, pois estavas ausente de Napoles, mas pelo que infallivelmente farias se aqui tivesse estado; julgarão-te, e fuste condemnado, não por teu nome, por mais adorado que seja do povo, mas pelo de Pellico teu sogro, que elles tremião de ver reviver em ti. Embora; nisto os tyrannos nos servirão mais do que pensavão; perseguindo-te mostrarão nos o que eras; fixarão nossas irresoluções, com o dedo de um carrasco nos mostrarão nosso chefe; nossa esperança, nosso segundo Pellico. Foi por este preço que te mandamos offerecer a liberdade por Jaffarino, como nós, dedicado à salvação da patria; acceitaste, nós te imos dizer as condições.

Fez-se hum movimento; e hum dos que forma-

vão o círculo, tomando a palavra, suscitou Spaffa no momento em que este se continua.

— O carbonarismo, disse, não permite a mulher alguma ser admittida aos segredos da associação.

— A filha de Pellico não he huma mulher ou luxuria, e por ella se pode saltar pela reidez das reizas, disse Jaffarino.

— Nunca se pode confiar hum segredo a quem não jura guarda-lo, disse o primeiro interlocutor, e não creia que nenhum de vós pense que a marquezza possa dar ou cumprir o juramento que nos faz.

Spaffa não respondeu cousa alguma; mas Faviani se apressou a dizer:

Qualquer que seja o juramento, ella o dará e cumprirá e responde por ella.

— Cada qual aqui responde por si, disse Spaffa; marquez, faze retirar tua mulher.

— Não, disse Faviani, não he humo meuma sem coragem, que não saiba a ceitar a herança de seu pai, por mais rude que seja. E he preciso mais, que no desterro não haja hum só pensamento pela patria, que não possamos ambos partilhar.

— Sim, sim, disse Favilla com voz firme, quero ficar, darei o juramento.

— Jura, pois, sobre este Christo, disse Spaffa, que nunca revelareis cousa alguma da que ides ouvir, nem do que depois souberdes sobre os negocios da associação, nem do que ella resolver; jura que guardareis este segredo em toda a parte a todos, nas masmorras, diante dos juizes, na confissão e no cadafalso.

— Eu o juro, disserão a hum tempo Faviani e sua mulher.

— Jura tambem, continuou Spaffa abaixando a voz, que se entre os mendigos da associação se achar algum traidor, o denunciareis ao tribunal secreto dos carbonarios.

— Eu o juro, disserão as mesmas vozes.

— Jura ainda, que se o traidor for condemnado por esse tribunal, executaréis a sentença, se fordes designado para esta execução, ainda que seja a morte, e se teate de vosso melhor amigo, de vosso irmão, de vosso pai, ou vosso filho.

Só a voz de Faviani respondeu: — eu o juro.

Spaffa se chegou a marquezza, e lhe disse com um leve tom de supplica:

— Se este juramento voz faz tremer, retirai-vos.

— Não, disse Faviani, somente os termos a fizeram assustar. Poltre orfã; sem outra familia mais do que eu, tem que espantar-se desses terriveis deveres.

— Que! exclamou Favilla; he preciso jurar que se matará irmão, pai, mesmo esposo! . . .

— Tinhamos esquecido esta clausula, disse o que primeiro quizera fazer retirar Favilla. Se a marquezza quer ficar, deve jurar nestes termos.

— Jurar que mataria meu esposo! he impossivel, disse Favilla.

— Não he o juramento ordinario, disse Spaffa; para que muda-lo e augmenta-lo ainda?

— Quando se faz jurar ao filho que matará seu pai, ao pai que matará seu filho, exige-se mais da fidelidade do carbonario, disse o mesmo interlocutor. Se se não fallou de mulher nem do marido, he porque só devião entrar homens em nossos segredos. Já que a regra foi violada, he preciso mudar o juramento.

— Sim, sim, murmurou o círculo.

— Jura, Favilla, disse Faviani com altivez, jura

que me mataria se eu tirasse o meu firmamento d'ahi (o que) que te hei de matar se tu tirares os teus.

— Tu e paules, disse Travilla, e tu o que me mataria? mas tu...

— Tens medo que seja traidor? disse Travilla, e tu que os fazes de sombar de mim.

— So' lie assim, disse a marquiza, se lie assim eu o julgo.

— E' sua ultima palavra pronunciou ella com um terror singular, sem perceber o olhar de compaixao com que Spaffa olhava para ella, em quanto ella tentava com grande daffi uidaas' sua fraqueza mulheril para pronunciar esta termin' palavra.

(Continua)

Misterios.

(FOLHA SOLTA.)

I.

Nunca viste Zizina, a noite em horas mortas quando a terra achava-se mergulhada em profundo silencio, e a natureza envulhida pelo somno, deixando apenas ouvir-se o brando suspirar do mar sobre abrasada areia; ja vis-tes nessas horas de calma e de silencio a lua percorrendo magestosa os plinos a saladas do firmamento?... e não sentiste então teu peito palpitar no anciar de vagos desejos?

Qu' então apoderado de melancolia, d'esse espirito invisivel que nos enleia o coração, e conduz nossa mente a regiões phantasticas ou a pensar nesse nada da vida? Qu' na grandeza infinita do Supremo Author do universo?

Não encostaste tua fronte alva e bella, e nesse seismar ardente tua imaginação não errou algum fantasma semelhante aquelles que a meia noite abandonam seus tumulos, seus mausoléus, para vir-gosarado ar da terra, não viste-o aproximar-te vagando a passos lentos, e depois aproximarte a ti, seu alvo sua visao calar-te: EM QUE SEISMA, AMO DE INNO-CENCIA E DE PUREZA? HOMME FRANGIILLO QUE EU TE VELAREI. E de pois beijar-te essa fronte candida, abrasada nessa longa e profunda melancolia?

— Oh! sim por certo!...

E sabe: tu Zizina quem é esse fantasma que rouba-te essa hora de repouzo, e que convida-te a seismar?

— Queres tu saber?

— Sou eu...

Sou eu, que abandono meu debili corpo já lasso de fadiga, e dirigo-me envisivelmente a contemplar-te, a esquecer o remor infernal dos homens, e dessa sociedade absorvida no lodo do materialismo e fugir do quadro para mim tao abominavel da realidade!

Es tu quem tambem eu vejo sempre no meu

seismar, junto a mim, sentindo o palpitar travesso de um coração sensivel, es tu quem eu vejo nos meus sonhos apparecer-me qual visao angelica, mais bella que as Virgens do immortel Galileo, serena como a lua, e que o sol mais leida.

Es tu, que te apresentas-me semelhante aquella virgem que roubou a Gabriel, nuncio apraxivel daquelle que confirmou a Goffredo o Nando!

Somos nos!

Somos nos Zizina, que saltamos no nosso seismar nosso espirito e elles retem-se!

Sou eu, porque te amo e aforço do meu amar-te proclamo embriagante apathia, e eu-tão meu espirito te adora, eu te contemplo e minha alma s'eleva ao scanton pelo praser, pelo contentamento pela forte emoção que sentes!

Es tu, porque me amas, e então cavias-me teu espirito a merigar esta dor, este senti-mento, esta paixão que nutro que me rouba o somno que faz palpitar meu peito que apodera-se de mim ser de tudo em fim; es tu por que es a alma de meu corpo.

II.

Podemos nos julgarmos-nos os entes mais felizes que nos collocar sobre a terra.

Ea e tu Zizina não somos mais que uma es-pañão de imer.

Tu es a rainha que caminha, fagueira e magestosa a luz da vaidosa compauceiro do radiante Hebe, e eu sou a sombra que acom-panha teus passos!

Ea sou feliz quando te contemplo, minha alma s'eleva jubilosa e fac mil venturas, meu coração palpita, e tu abito acende-se no fogo da paixão, e somos felizes... sim, muito felizes!

Ea sou tudo contigo!... a vida vai-se-me leida qual doce murmurar da brisa pelo vergel?

Sem ti, Zizina, sou qual plebeo errante mendigando pão para viver, ou a cicuta para terminar o triste vegetal.

Sou qual viagor cansado, entregue as feras das il restas.

Sem ti, os praseres da vida fogem com a rapidez do rato, minha alma sofre trances hor-ríveis... e contigo Zizina, ella remonta-se a regiões ethereas onde mil venturas me embri-gão ao som do tua harmoniosa voz como as canções das anjas, onde descansamos sobre tapetes de bominas, onde nos o tecto é a serena abobada celeste, recamada de mil estrel-las n'um ceu de puro azul de setim, onde te-mos auras balsamicas que brinção do norte ao sul.

Oh! Zizina amada, anjo de candura e de innocencia, somos felizes!

III.

Tu és, Zizina, a roza fresca e perfumada que vanlosa ostenta-se, no seu has il, ou sou as vozes folhinhas que a cercão, e sua essencia é nosso amor!

Sim, nos somos a flor p raios amamos e somos felizes e ella é o emblema do amor e felicidade.

Sim, somos felizes por que tu és o sopro que me anima, és a escola que me guia, o anjo que me acompanha, és o et que me prende a vida!

...Dize, pranteou a ausencia de sua Marilia, Petrarca, chorou as saudades do sua Laura, e eu te eu Zizina, não sei se teria forças para chorar-te se a sorte ousasse, separ-nos por um só dia!

Não !., não, porque tu és a minha vida, a minha alma, o meu alento, e sem ti viver fora impossivel.

IV

Oh! seisma, seisma anjo de bondade seisma Zizina, que teu seismar tem poesia, embriaga-te nessa melancolia que tem encantos, que assim nos'almas reunem-se e gosão os puros e ethereos praseres, e gosando somos felizes.

Besterro 25 de Junho 62.

CATHARINO GALENO.

Variedade.

A CONSCIENCIA.

A consciencia é o derradeiro pudor que se perde.

E' o raio luminoso que esclarece o naufragio de uma alma em erro.

E' o anjo consolador das falsas imputações.

F. Eleuterio.

E' um juiz infalivel ; não ha felicidade em opposição ás suas sentenças

Bracarencis.

E' um cancro que nos roe quando encontra

que roer. E' a lanterna que alumia o caminho que seguimos.

Favija.

Anedocta.

Milton, famoso author do Paraizo perdido, e um dos maiores poetas da Inglaterra, foi casado trez vezes. Ao tempo que lhe morreu a primeira mulher, cogou elle, e em poucos mezes torou a eazar. Admirando-se um dos seus amigos do que tivesse encontrado consorte em taes circumstancias: « Não vos admirais, lhe disse Milton; assim mesmo sou um bom partido, e melhor seria o meu casamento, se eu fôra tambem surdo.»

Casando terceira vez com uma joven muito bella, porém de genio tão forte e aspero, que bem poderá dizer-se da trezentos mil, lhe disse um dia lord Buckingham; « Vossa consorte é uma perfeitissima rosa. — Não o duvido, meu querido lord, lhe respondeu Milton: eu não a vejo nem posso distinguir de cores; com tudo reconheço a verdade pelos espinhos com que punge.»

GUARADA.

— 1610161 —

Tal é-nos o ser que amamos,
Se escravos somos de amor. 2

Eu estou entre os lilazes
E a bonina multicolor. 2

O lodo exprime
Seu lindo nome,

Que só de amores
Meu ser consome.

E P

Sonho ou Realidade ?

Olho e vejo... tudo e nada
 Tudo canto e tudo falla,
 Só minha alma
 Não se acalma
 Muda e triste não se ri
 Muda mente já delira,
 E meu peito só suspira
 Por ti ! Por ti !

(Casimiro de Alencar)

E' noite !

O ceu puro e limpo deixa ostentar-se fagueira e magestosa a rainha da noite !

A brisa suspirando mansamente, tranpartando das floridas campinas catinenses, o doce aroma das flores.

O oceano exausto de seu affanoso lutar, jaz placido e tranquillo, e reflecta no espelho de suas aguas adormecidas, a imagem dessa deusa que percorre o espaço, vagarosa espalhando sobre sua luz melancolica

Tudo é silencio !

Profunda mudez enche a terra, adormecida sob as azas da noite.

Tudo dorme ! só eu vela pensativo, mergulhado em triste abatimento.

O cerebro arde-me qual um vulcão, em chamas :

Zizina, essa fada de meus encantos, é o unico pensamento que preoccupa minha imaginação, e é ella a unica causa dessas tribulações . . .

Eu scismo e profundamente !

Uma nuvem de negras preoccupações, cobre-me o coração e estou triste !

Triste como a rola afflita, suspirando pelo esposo transviado na floresta, ou morta ao chumbo do caçador . . .

Triste como o ar quejar das vagas, nas horas mortas da noite.

Um profundo abatimento verga-me a cruéis angustias e a podera-se de mim !

II.

Momentos ha na vida humana em que o homem entrega-se a seus pensamentos e sente o coração comprimir-se por uma força invisível ; quer suspirar, mas o ar lhe foge como foge de moribundo alembrança da vida, o murmurio infernal do mundo o aniquilla ; e então elle entrega-se a uma longa apathia e scisma . . . e so nesse scismar encontra elle limitivo a seus sofrimentos.

E assim estou eu esta noite !

Noite de febre que me devora : a natureza esboça painel divino, para mim tão repleto de verdadeira poesia, em cuja contemplação o ar me embriega, hoje causa-me um tedio terrivel e parece augmentar ainda mais as minhas agitações !

Ao longe sinto o bronze de uma ermida que se vagarosamente de badaladas em seus lugubres e monotonos sons. . . . são horas de descansar das fadigas do dia ; e eu preciso de repouso.

Esvoaca-me a mente por regiões desconhecidas sob as azas d'um sonhar febril.

Que multidão é essa que ali refervoa louca e frenetica, que luzes são estas tão brillantes, que seus arrebatadores são estes que ecoão nos corações destes homens destas mulheres enlevadas todos enlaçados e embevecidos nos gaus da ventura, quem são elles ? habitantes d'um *paraiso*, entes divinos, será este o seu constante viver ? . . . Fallas de amor, sorrisos de ternura olhares apaixonados erusão-se neste recinto ! oh ! é um baile, um salão de dança . . . lá . . . lá vai um, mais outro . . . são cavalheiros que passam que dançam . . . o festim está animado, a turba é louca e desenfreada é encantavel ! . . .

Lá vai outra . . . é uma virgem palida como Phriné, lá passa, ligeira qual silpho voando, é qual vela enfunada pela aragem da ventura que se desliza n'um mar de prazeres. . . lá, ali vai no torvelhinho presa a elegante cavalleiro, de luros cabellos, e olhos languidos. . .

Um salão, um baile ! . . . meu Deus eu sonho ou velo ?

A turba é louca ! o praser eletrisa a todos, e eu acho-me a um canto contemplando esse quadro da loucura humana . . . meus olhos dardejão, minha vista estende-se pelo espaço desse salão . . . mas o que vejo ? será possível ! oh ! . . . é ella, sim é ella . . . oh ! quão louco sou ! se ella soubesse quanto detesto o a estas festas mundanas, e todos esse espleidores brillantes dos grandes salões, onde quasi sempre esconde-se o vicio, a corrupção sob as falsas apparencias de prazeres fementidos.

E' nestes innocentes passatempos, cheio de pureza que mui as vezes vemos no torvelhinho da walsa, agrinalda da virgem rojar-se pelo pó da sala !

E' nestes passatempos cheio de innocencia e nestas gallas brillantes que occulta-se a hydra da corrupção que prende em suas garras a innocencia incauta, tal como sob formosas flores a vibora venenosa. . . .

M. s tendes rasão.

A mocidade é ardente, e suas fúrias são gozos.

III

Ella folga como uma loquinha esquecida de tudo, se os sentidos outra sensaçã não tem, nenhum pensamento a preocupa, a luz destes prazeres q' a creçã, destes risos e olhares do cavalheiro louro!

Os dançantes fazem *en avant*. Como expande seu rosto rubando de ventura, entre abrindo-lhe em risos os labios nucaçados. Que de olhares tão ternos, tão meigos...

Mas essa expansão de venturas, e ses risos de amor, esses olhares da paixão eu vejo que alias recolhe o cavalheiro louro.

Oh! Zizina, acaso te esqueceste do amor que ja me deste? ou quem sabe... era uma mentira esse amor!

Zizina, o amor é um sentimento cheio de fogo, de vida, quando elle é verdadeiro e puro, quando se pode dizer: é amor; é uma mentira vil, é uma loucura fanática, quando só servem para entreter-se nos bailes e para fazer triumphar caprichos!

Alem a vejo segredando com esse cavalheiro de olhos pardos, e volúveis como seus pensamentos e de cabellos louros; na expressão de seu rosto, nos gestos affectados vejo qua falla de amor... talvez prometendo constancia e fidelidade... loucura... Depois passaste por mim... não me viste, cego pelo novo amor. Teu vestido de carmesim salpicado, realçavão-te os encantos das formas elegantes... estava sedutora, miinha virgem, eras digna de um throno.

Passaste por mim que ardia em zelos, e não me viste; na mão levavas um bello cravo branco que tive vontade de roubar-te parem temo de partir-te do teu enlevo.

Tu brincavas qual uma loquinha desenhada, e sem temores; embriagão-te essas mentiras das salas, e em os ouvidos attentos escutavas as fallas de um coração frio, as phrases estudadas de um *dandy* de sabão, que protesta *terno* amor a todas que no pular da walsa deixa a furto ver seu pé delicado, deixa ligar sua cintura de anel; estavas com o coração palpitando de amor ou viste o falso canto da genil creçã, que engna e seduz com fingidos sorrisos!...

E eu via tudo *calado*, sosinho, sem compar-tilhar dos gozos q' me pertencião, sem poder ao menos dizer-te ao ouvido: é falso, não creas Zizina!

Folga e brinca, donzella, a mocidade é louca,

tens fogo, tens vida, és miiga, és beila, o sangue ferve-te nas veias e passa ligeira como passa o echo da chorosa lyra!

Tens raz-ô! folga e brinca, Zizina, a vida é vaso onde depositão-se flores... és bella, e nunca faltaõ nos salões quem deixe de queimar incenso... umas todos os enganos da sociedade e u d' isto tudo, esses embustes, de tu to q' não e n do do limo do coração!

Tens rasão, e por isso repito como o poeta das Primaveras:

«Tens rasão, mais valem risos

Fingidos, de ses Narcisos

— Boncos que a moda enfeitã

Do q' a voz sincera e rude

De quem presando a virtude

Os atavios regêita.»

— Sim, mais valem esses risos contra-fitos, nos labios desses janotas dos bailes q' a expressão franca e rude do trovador; esta mão é enfeitada com a li-onja, não é estudada no *toilet* da janota q' se prepara a fazer acõ te ao sefe cívico e profinar a sua acostumada frase: eu te amo! é essa a phr. se estudada e que elle repete a to as... no entanto são esses cujos corações são frios como o gelo, e cuja alma não e nhcco a sablinidade do amor, são fei- zes... sim, felizes, mas essa felicidade vã que ao menor capricho desaparece

Deixa-a folgar e brincar... mas...

— O cravo q' a pouca vi que é feito delle? tão cedo suas petalas murchas e rojadas pelo cheo? .. mas eis que delle ainda resta o pistillo... talvez, quem sabe e mais ao longe da sal-la não brincarão esses jogos innocentes dos bailes, arrancando uma por uma as petalas, ou talvez uma a pos-ta de algum pensamento? e quem sabe?

Depois a multidão foi-se pouco a pouco retirando, e eu vi-te que com bastante pesar tambem prepravas-te a deixar esse salaõ ou *paraiso* ventoso; Acompanhei teas passos, e ainda a porta do toilet voltei apertar com effusãõ de venturas des e cavalheiro louro e com ternura vez fallei-te de amor... doces fallas, tambem ja ouvi...

IV.

Perdoa-me Zizina, quanto disse... A luz do *Phebo* penetra no meu quarto por uma fresta da janella... eu acho-me no meu luto... oh! eu duvido de mim mesmo, nao sei se foi sonho... mas muitas vezes os sonhos da noite, são reali-ados no dia seguinte.

E quem sabe foi, Zizina, foi sonho, ou realidade.

Catharino Galeno.

Desterro 30 de Junho de 62.